

“SOU MAIS CONHECIDA COMO ARQUIVISTA DO QUE HISTORIADORA” ENTREVISTA COM HELOÍSA LIBERALLI BELLOTTO

Paulo Roberto Elian dos Santos¹

Em 2006, como parte da minha pesquisa para a tese de doutorado, iniciei um conjunto de entrevistas com personagens de trajetórias destacadas na Arquivologia brasileira. A partir das sugestões que me foram feitas durante o exame de qualificação, busquei introduzir uma perspectiva histórica em um dos capítulos, de forma a traçar um panorama da disciplina no Brasil desde a década de 1930, tomando por referência a reforma administrativa do governo Getúlio Vargas que levou à criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), em 1938. As entrevistas com José Pedro Esposel, Helena Corrêa Machado, Marilena Leite Paes e Nilza Teixeira Soares, cotejadas com a pesquisa em fontes

¹ Pesquisador do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. Professor nos programas de pós-graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (PPGPAT/COC/Fiocruz) e Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO).



bibliográficas e documentais me permitiram delinear as bases institucionais e conceituais que orientaram as ações e o pensamento de uma geração de profissionais do mundo dos arquivos na segunda metade do século 20.

Depois da tese, defendida em 2008, no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da profa. Heloísa Liberalli Bellotto, procurei dar continuidade à linha de pesquisa voltada ao estudo da institucionalização da Arquivologia no Brasil, apoiado em fontes de arquivo e entrevistas. Neste contexto, a trajetória de Heloísa Bellotto merecia atenção, não apenas por sua relevância e rigor teórico-conceitual na pesquisa e no ensino deste campo disciplinar, mas sobretudo por seu legado na formulação de um pensamento e de práticas arquivísticas em diferentes espaços institucionais, como o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), a Escola de Comunicações e Artes (ECA) e o Programa de Pós-Graduação em História Social, todos na USP, os sistemas de arquivo do Estado de São Paulo e da USP, a Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP) e o curso de Arquivologia da UnB, dentre outros. Ao lado de Ana Maria Camargo, investiram na pesquisa e na formação de jovens profissionais e estabeleceram conexões acadêmicas que extrapolaram as fronteiras de São Paulo e alcançaram escala em âmbito nacional e internacional.

Em dado momento, me pareceu crucial a entrevista com Heloísa Bellotto para uma compreensão mais ampla sobre a institucionalização da Arquivologia entre nós. Convite feito e aceito, currículo em mãos e muito trabalho para organizar um roteiro de perguntas. Como imaginei, seriam necessários pelo menos dois encontros para esgotar aspectos de sua longa carreira e colher sua opinião sobre diversas questões. A segunda entrevista infelizmente não aconteceu e assim não pudemos explorar sua participação no Projeto Resgate da documentação do Brasil Colônia; sua visão sobre a importância dos estudos de diplomática e tipologia documental; sua participação na criação de um “Mercosul Arquivístico” por meio dos congressos realizados a partir da década de 1990; a edição revista e ampliada (2004) do seu livro *Arquivos permanentes*; tratamento documental, lançado em 1991; sua opinião sobre os impactos da Lei de Acesso à Informação na gestão dos arquivos; os desafios da formação dos arquivistas no Brasil e



no exterior; e as “novas correntes” do pensamento arquivístico no cenário global. Por sorte, alguns destes temas estão em outras entrevistas concedidas por Heloísa.

Orientadora de inúmeros trabalhos de alunos e alunas, Heloísa Bellotto combinou com rara felicidade o faro de pesquisadora, as habilidades de docente e o gosto pelos documentos de arquivo e o seu tratamento à luz dos princípios e conceitos da Arquivologia. É possível afirmar que estas qualidades foram costuradas, porque soube como poucos unir ao longo da carreira as diferentes matrizes de sua formação e conhecimentos nos campos da Biblioteconomia, da História e da Arquivologia.

Paulo Elian: Entrevista feita em 25 de julho de 2015 com Heloísa Bellotto (1935-1923), professora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), para o projeto “A contribuição José Honório Rodrigues à institucionalização da Arquivologia no Brasil”, coordenado pelo pesquisador Paulo Elian, da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, e financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Heloísa, para iniciar a entrevista eu gostaria de saber a sua origem familiar e a sua formação inicial.

Heloísa Bellotto: Eu nasci no Rio de Janeiro em 1935, e a minha família toda é do Rio de Janeiro, não tínhamos ligação nenhuma com São Paulo, tanto da parte da minha mãe, de origem portuguesa, como de meu pai, de origem italiana, e meus primeiros anos foram passados no Rio de Janeiro.

Paulo: Onde vocês moravam, em qual bairro?

Heloísa: Nós somos da Tijuca. Quando eu nasci, meus pais moravam na rua Carlos de Vasconcelos, eu nasci no hospital Gaffrée Guinle. Mais tarde morei alguns anos com meu avô, meus avós moravam na rua Delgado de Carvalho, em pleno Largo da Segunda-Feira.



Paulo: Eu morei nessa rua.

Heloísa: Eu sei, você até me disse o número e eu fui ver, pois naquele tempo era uma casa de cômodos ali onde depois fizeram o seu prédio. Dizia-se casa de cômodos, aqui em São Paulo se diz cortiço, quer dizer, onde moram muitas famílias. E para quem vinha do Largo de Segunda-Feira tinha esse local onde foi construído seu prédio, depois tinha umas casas baixas e a minha casa, a casa do meu avô era uma casa mais moderna que as outras, era de dois andares, ele morava no número 66.

Paulo: Quantos filhos vocês eram?

Heloísa: Tem a ver com a vinda para São Paulo essa minha infância, digamos assim. Porque meu pai tinha uma [boa] formação... ele foi um bom aluno, foi um excepcional aluno no Colégio São Bento e foi professor de química já enquanto estudava Farmácia. Estudou Farmácia na então chamada Universidade do Brasil, e também fez a medicina hahnemanniana [homeopatia], cuja sede era na Urca. Começou a vida profissional muito jovem, com 18, 19 anos já dava aula de química no Colégio São Bento, publicou um livro que depois foi muito usado, chamado Elementos de química, e depois esteve empregado no laboratório que emite licença para os alimentos poderem ser vendidos, comercializados. Ele fez uma carreira até brilhante, mas meteu-se no integralismo, e em [1937] foi preso, porque era o chefe da célula da Tijuca, ele era o diretor. Muito entusiasmado, contra a vontade do meu avô, que era médico, não gostava de política, dessas coisas, mas ele foi preso. Ele tinha se casado em 1934, eu nasci, eu sou a mais velha, depois a Cecília, que faleceu ano passado, meu irmão Carlos Francisco e minha irmã Lucia, a última, que já nasceu em São Paulo. Mas o Cândido Fontoura, que naquela época fazia grande sucesso, o laboratório do Biotônico Fontoura, há muito tempo vivia convidando meu pai, oferecendo mundos e fundos para ele se mudar. Mas minha mãe tinha pavor de frio, não queria morar em São Paulo. Mas aquele ano em que ele ficou preso, pois ficou preso um ano, foi até um período brilhante, vamos dizer assim. Tinham sido presos no Rio de Janeiro, pelo então chefe de polícia Filinto Muller, pessoas como



Graciliano Ramos, os comunistas, os integralistas. Eles eram intelectuais e acabaram ficando amigos, porque as conversas eram de alto nível intelectual. Meu pai sempre gostou muito de história, ele era de uma disciplina basicamente técnica chamada Farmácia Galênica, na qual se produzem os medicamentos, mas ele sempre se interessou por história, tem muitos trabalhos publicados de história da farmácia, história da medicina.

Paulo: Qual o nome dele?

Heloísa: Carlos Henrique Robertson Liberalli. A família da minha avó era de origem escocesa. E meu avô era médico, teve uma farmácia em São Cristóvão; meu pai nasceu em São Cristóvão. Naquele tempo era um bairro classe média. E esse meu avô Robertson vendia cavalos para corrida, tinha uma propriedade grande ao lado do Instituto de Manguinhos. Isso tudo muito antes de eu nascer, de meu pai nascer, mas ele chegou a morar um tempo em São Paulo, a minha avó nasceu em São Paulo, ele também fazia esse tipo de trabalho no bairro da Aclimação, e hoje tem a rua Robertson no bairro da Aclimação...

Paulo: Aí vocês vieram para São Paulo?

Heloísa: Aí o Candido Fontoura convidando, convidando, então meu avô falou: "eu vou fazer uma barganha com o Filinto Muller", disse, "ele vai para São Paulo, não vai mais aborrecer e tal", e o Filinto Muller falou: "se ele desaparecer em 24 horas, daqui a uma semana, ele sai", mas isso depois de um ano. Então foi muito apressada essa vinda para São Paulo, o Cândido Fontoura logo o empregou, e depois, durante toda a vida ele foi diretor técnico do Fontoura. Tanto que ele nunca trabalhou o tempo integral na USP. Ele morreu catedrático, naquele tempo havia o catedrático; ele fez concurso, entrou na USP e ficou a vida inteira. Ele faleceu em 1970, de câncer no cérebro, mas ele se aposentou e quando ia ficar só na USP, ficar só na pós-graduação, como quase todo mundo faz, ficar com uma cadeira de História da Ciência, nesse momento foi detectado o câncer e ele



acabou falecendo. Mas então vieram para São Paulo. Vieram logo morar aqui no Jardim Paulista, onde nasceu minha irmã Lúcia. Nessa altura tinha falecido uma irmã de meu pai; quando eu era criança as pessoas falavam que ela morreu de asma, mas hoje sabemos que eles escondiam a verdade da família, das crianças, e que era tuberculose. Mas, por exemplo, ela foi morar um tempo junto com uma prima em [Nova] Friburgo, acho que por causa do clima. Ela tinha 29 anos e meu avós pediram muito que eu ficasse uns tempos com eles porque ela tinha acabado de falecer. A minha mãe não gostou muito da ideia, mas concordou. E como inicialmente ela foi morar em um hotel, ela com duas crianças pequenas já, eu acabei ficando no Rio de Janeiro por dois anos. Assim, o primeiro colégio que frequentei foi a Escola Pública Francisco Cabrita, numa ruazinha que sai na rua Haddock Lobo. E uma árvore que eu plantei ainda está lá, não sei se destruíram a escola, tantos anos depois...

Paulo: A escola ainda está lá.

Heloísa: Porque uma vez no Dia da Árvore pediram, e coube a mim plantar. E depois muitas vezes eu passei lá e vi essa árvore.

Paulo: Você veio para São Paulo em que ano, você lembra?

Heloísa: Aí eu fiquei [no Rio] em 1942, 1943, eu vim em 1944, porque eu nasci em 1935, eu vim com dez anos. Acho que vim no Natal de 1944. Meus pais iam [para o Rio] nas férias com meus irmãos, mas chegou a um ponto que a minha mãe disse para meu pai que tinha que encostar meu avô na parede, que esse negócio de filho longe dos pais [não podia ser], aí meus avós já estavam mais conformados e concordaram, viram que na verdade eu tinha que vir. Então eu vim, e sempre morávamos nesse bairro do Jardim Paulista.

Paulo: E estudava no ginásio público?



Heloísa: Não. Nos anos 1940 meu pai disse: “colégio de freira, não, mas colégio misto também não”. Então passamos a procurar um colégio... e colégio particular, porque nem tinha por aqui colégio público. Tinha só na avenida Paulista, no qual meu filho Toni chegou a estudar, no Rodrigues Alves. Mas enfim, achou-se um colégio longe aqui do Jardim Paulista, na Barra Funda, chamado Colégio Stafford, que era um colégio inglês, só de meninas, mas não era de freiras. Mas o primário ainda fiz nos colégios aqui perto, inclusive fiquei um ano no Assunção, porque não tinha outro colégio, fiquei nas freiras. Mas meu pai sempre procurando. Aí minhas irmãs estavam num externato aqui perto, na rua Guarará, perto da nossa casa, que era na Eugênio de Lima, uma dessas travessas, perto da Brigadeiro [Luís Antônio], sempre nesse bairro. Aí fiquei um ano no Assunção, um ano nesse externato, e na verdade eu entrei no Stafford no então chamado ginásio. Lá eu fiz todo ginásio; depois, o científico, cursei no Colégio Dante Alighieri.

Paulo: É um colégio tradicional.

Heloísa: Tradicional, italiano, e foi muito importante para mim porque ali eu tive um professor, o Orestes Rosolia, um grande professor de História; grande parte das vocações de historiador é por causa de um professor que a gente tem na juventude, não é? Foi muito importante. Então eu fui fazer o “científico”, mas eu não gostava de matemática, nem de química, e o professor Simão Faiguenboim, de química, tinha estudado pelo livro do meu pai, todo dia fazia bulling comigo, todo dia falava: “a filha do professor Liberalli é uma péssima aluna de química”. Quanto mais ele falava, mais eu odiava química.

Paulo: Você gostava mais das Humanidades.

Heloísa: Eu gostava mais das Humanidades, mas eu... Eu tive no ginásio um curso muito puxado de Latim, e eu já estava enjoada de Latim, disse, eu também não quero Latim, falei: “entre o Latim, a Química, a Física e a Matemática eu vou para o científico”, mas penei, penei até mesmo porque uma vez fiquei de segunda época em Química e



Matemática. E eu falei: “não vou trabalhar nas férias, não vou fazer segunda época, prefiro repetir”. Aí eu repeti, mas os outros professores, com os quais eu só tirava nota dez, diziam: “mas o que a senhora está fazendo aqui, repetindo, se a senhora é tão boa aluna de Inglês, de História, de Português?”, e eu dizia: “mas é que eu não vim fazer a segunda época.” Mas foi bom porque eu fiquei quatro anos no Dante Alighieri, que era um colégio muito agradável, mesmo do ponto de vista social, tinha muita comemoração, muita reunião. A escola organizava excursões para o Pico do Jaraguá, para uma chácara dos padres em Santana, era um colégio muito agradável de se estar.

Paulo: E a escolha da profissão? Se fazia vestibular naquela época, como se chamava?

Heloísa: Existia vestibular, existia cursinho, mas é uma questão de honra, uma pessoa que é do Dante Alighieri não faz cursinho, entra na faculdade direto. Então em [1954], quando terminei o colegial, falei, eu vou fazer História.

Paulo: Queria ser professora?

Heloísa: É, eu gostava da História, não sabia bem... hoje ainda tem outras carreiras paralelas, tem mais alternativas, mas naquele tempo...

Paulo: A opção era o magistério, não é?

Heloísa: Imagina, naquele tempo eu pedi para meu tio Marcelo, que era da Escola Naval de Química, para pedir para meu tio mandar minha certidão de nascimento, para eu me matricular no vestibular, em 1955. Isso demorou, veio pelo correio, registrado, e eu perdi a data da matrícula. Meu pai disse: “o que você vai fazer esse ano para esperar até o ano que vem para o vestibular da História?”, eu falei: “ah, não sei”. Porque nesse tempo todos os filhos já estudavam na Cultura Inglesa, e eu estudava italiano, porque eu tinha um namorado de família italiana, achava que um dia ia morar na Itália. Naquele tempo todo mundo fazia piano, claro, os quatro faziam piano, esse piano que ainda está aí, que era



da minha avó, e estudava taquigrafia, datilografia. E meu pai era professor de faculdade de Farmácia e era da comissão de biblioteca. Ele sempre gostou muito de biblioteca, tem essa parte aqui de História Antiga, tudo era dele, ele era muito apaixonado por história grega, história egípcia etc., enfim, ele era da comissão da biblioteca, e ele falou: “você vai fazer Biblioteconomia enquanto isso”. Biblioteconomia naquele tempo eram dois anos. Ele falou: “você vai tentar o vestibular de Biblioteconomia”, porque nesse entremeio chegou a documentação do Rio de Janeiro com a minha certidão de nascimento. Só tinha um curso de Biblioteconomia em São Paulo, hoje é Fundação Escola de Sociologia e Política, e era muito novo. As minhas professoras todas tinham feito o curso nos Estados Unidos. E eu fiquei dois anos, gostei. Na Biblioteconomia tinha aula de Paleografia e de História do Livro, tanto que fui muito boa aluna, saí em primeiro lugar, pois eu era apaixonada por essas duas disciplinas.

Paulo: Era um curso basicamente de mulheres, ou tinha homens também?

Heloísa: Tinha alguns homens, mas depois, quando eu dei aula na ECA [Escola de Comunicações e Artes] já tinha mais homens, porque a profissão começou a ser mais valorizada em termos de salário, mas naquele tempo tinha só um rapaz na nossa classe. Era até mais velho, eram pessoas que já estavam para se aposentar, iam por razões intelectuais, faziam o curso para cuidar dos próprios livros; e aí eu fiz o curso, mas enquanto cursava o segundo ano de Biblioteconomia eu entrei no vestibular da História. Aquele vestibular que naquele tempo era específico, e foi a primeira turma... Quando eu fui ao guichê, com aquela fila, para fazer a matrícula, “agora, a senhora vai para Geografia ou História?”, “como? Não é junto?!” [A formação] sempre tinha sido junto, e em 1956 foi separada. Então, com aquela fila ali, eu tive que decidir a minha vida em cinco minutos. Porque eu gostava muito de Geografia também. No Stafford eu fazia mapas para a classe inteira, eu fazia mapa para todo mundo, eu dizia: “deixa eu fazer seu mapa?”

Paulo: Separou exatamente no ano que você entrou.



Heloísa: Pois é, em 1956, separou nesse ano. Eu falei, vou fazer História, e entrei. Era ali na rua Maria Antônia. O vestibular era específico para História, então tinha a prova escrita, um tema geral e um tema de Brasil, duas dissertações e a prova oral. E na prova oral caía Geografia, conhecimentos gerais e tinha a prova de Português, não tinha [outra] língua ainda.

Paulo: Era uma prova difícil?

Heloísa: Era difícil e era específica. Os professores que examinavam eram os próprios professores do curso de História. Eu lembro que a Emília Viotti foi quem examinou Geografia. Meu pai tinha aquela preocupação cultural com os filhos, vivia viajando. Meu pai sempre foi assim, a gente ia pela estrada, querendo dormir, tínhamos um apartamento em São Vicente, para descer a via Anchieta, “bromélia não sei o quê, aquela planta lá...” e a gente querendo dormir... “vocês estão sentindo a temperatura, agora está baixando 400 metros... isso aqui é a via Anchieta, porque no século 16 subia por ali, no século 17 subia por ali”, ele sempre foi muito de ensinar. As férias eram para um lugar assim... Agora, paradoxalmente, ele só foi a Europa nos anos 1960, depois que eu fui. Mas ele não. Aqueles meninos daquela geração, ele nasceu em 1909, tinham uma cultura geral incrível. Ele dizia: “eu tenho Paris toda na minha cabeça”. E a gente tinha acabado de ir ver salinas em Cabo Frio, e ele explicou tudo das salinas, como secava, como não secava e o que era o sal, e os nomes científicos, e eu sei que me cai as salinas [no exame], eu tirei dez no exame oral. Eu lembro desse exame oral de Geografia por causa das salinas.

Paulo: Heloísa, deixa eu te perguntar uma coisa, você entra na universidade num momento em que o Brasil inicia os anos JK, tempos de euforia, dinamismo na vida econômica, social e cultural. Quais são as lembranças desse período, de uma jovem universitária?



Heloísa: Olha, é assim, aquela educação burguesa das moças, os pais, não só eu, mas as outras colegas da minha classe, parece mentira pensando numa jovem universitária, 18, 19 anos na universidade, a gente era proibida de ir ao grêmio, proibida de entrar no grêmio, proibida de ficar nas discussões depois da aula, então éramos muito alienadas politicamente, eu e minhas colegas de classe. Eu sinto isso hoje, porque o pessoal do [curso] noturno era mais engajado, porque eram moças que já trabalhavam, estudavam à noite, havia muitas moças que estudavam à noite. Tanto que no terceiro ano passei para o noturno, porque aí conheci o meu marido, Manuel Lelo Bellotto, que estudava História à noite, porque trabalhava, então acabei passando para o noturno e em 1959 nos casamos. Mas nos primeiros anos da faculdade nós éramos muito alienadas, porque tudo que a gente pensava era nas férias, em organizar excursões, desde o primeiro ano tínhamos um grupinho e o líder era um que já era advogado, era um pouco mais velho, e nas férias sempre fazíamos viagens. A nossa primeira viagem foi para Ouro Preto, a segunda para o Paraguai, na terceira fomos até Santiago do Chile, tudo por terra, e fomos até Callao, no Peru, viajando por terra. Sempre nas férias de julho, em dezembro não, por causa do Natal. O pessoal de Geografia viajava e a gente viajava. Na volta era assim: “quanto vocês gastaram na viagem?” Tinha uma rivalidade com a Geografia, quem ia mais longe, quem aprendia mais e gastava menos nas excursões. Então a gente conseguia [doação de] alimento, a gente ia na Kodak e conseguia filme, a gente conseguia trem na [Estrada de Ferro] Sorocabana, a gente viajava no carro da diretoria que era um carro todo bonito com uma cozinha, com banheiro, não sei o quê, e era o nosso vagão que encaixava nos trens. Assim fomos até Santa Maria, com o nosso vagão encaixando no trem. Depois de Santa Maria passamos ao Uruguai, de ônibus, e depois fomos de trem de Santiago a Buenos Aires. Então passávamos o semestre mais pensando na excursão. E o curso era puxado, porque os professores indicavam os livros em língua estrangeira, o Pedro Magri, de História Romana indicava até livros em alemão, e todo mundo ficava protestando, então a gente estudou muito em francês, em História Medieval todos os livros eram em francês, então estudávamos muito; aos sábados e domingos eu estudava na Biblioteca Municipal, e estudávamos nas casas umas das outras.



Paulo: Quais foram os professores que mais te marcaram?

Heloísa: De professor, por todo estilo dele, embora ele só passe a dar aula para nós no terceiro ano, o Sergio Buarque de Holanda. E o de História Antiga, o Eurípides Simões de Paula. Eram aqueles professores que amavam profundamente o que faziam e a gente recebeu o entusiasmo deles pelas disciplinas que eles ministravam. Eu tive bons professores, o Pedro Moacir Campos, de [História] Romana, o Paulo Pereira de Castro, que dava o seminário de [História] Antiga e o Egon Schaden, de Antropologia. A Gioconda Mussolini, também de Antropologia. Um era de Antropologia Física e o outro de Antropologia Social. Geografia era dada por um professor do Rio de Janeiro, que veio como substituto, não lembro o nome dele. E havia um espanhol que deu Introdução [à História], mas ele praticamente não dava Filosofia da História, ele dava Paleografia. E aquele espanhol, Ricardo Roman Blanco que brigou com todo mundo. Ele era muito anticomunista e foi para Universidade de Brasília (UnB). Foi ele que acusou os alunos quando a polícia invadiu a UnB; depois acabou falecendo, mas ele era um grande paleógrafo.

Paulo: Vocês tinham aula de Paleografia?

Heloísa: Eu especialmente era muito boa, porque tinha tido um excelente professor de Paleografia na Biblioteconomia, que era o prof. Leoni, esqueci o primeiro nome dele, era um italiano, tinha muito sotaque, ele lecionou História do Livro e Paleografia. Então eu tive bons professores de Paleografia. Depois veio um português, Torquato de Souza Soares, que deu uma [disciplina] optativa de Paleografia, que eu também cursei. Então Paleografia eu estudei muito, porque estudei primeiro na Biblioteconomia, depois na História, depois na especialização com esse professor português, depois, quando eu fiz o curso em Madrid, da OEA [Organização dos Estados Americanos], foi com uma espanhola de origem italiana, muito boa professora de Paleografia. Enfim, mas eu continuava na Biblioteconomia, no segundo ano, porque o curso era de dois anos.



Depois ele foi revalidado, e nós todos levamos o diploma para revalidar, para termos o título de bibliotecário, embora tivéssemos cursado nessa primeira fase. Então, politicamente, eu nem posso te dizer nada, eu via que havia uma efervescência, mas aquilo estava meio vedado para nós porque os pais ficavam assim: “você não foi ao grêmio!”, meu pai sempre foi integralista, ele tinha largado o integralismo, mas ele era um cara de direita, digamos, então já pensou... Eu não sou de direita, mas sou tucana, confesso. Nós estávamos falando dos professores, então no segundo ano entravam os professores de Brasil, Brasil Colônia, Myrian Ellis, ela era uma boa professora, ela não entusiasmava muito a gente para pesquisa, mas ela era muito boa didata, ao contrário da aula do Sergio Buarque de Holanda, cuja aula era genial, mas na qual ele sempre se perdia, porque ele começava, mas nunca indicava o assunto que propunha, e se perdia. E Eduardo de Oliveira França, de [História] Moderna e Contemporânea e Manuel Nunes Dias. Depois tinha uma turma boa de [História da] América, o Astrogildo de Mello, os professores de América também eram muito bons, eram três professores. A Emília [Viotti] dava o seminário do França, seminário de [História] Moderna. Eu peguei Sergio Buarque, no terceiro, depois no quarto ano, quando cursávamos apenas as disciplinas de didática, que naquela época chamava-se Didática Especial, e não Práticas de Ensino, e escolhi algumas optativas. Escolhi a optativa de Monções, dentro de [História do] Brasil Colônia, então fui por mais um ano aluna do Sergio Buarque na optativa. Não se chamava “optativa”, na época chamava-se especialização, tinha que fazer duas disciplinas. Enfim, aí eu saí em 1959.

Paulo: Aí você foi dar aula na Unesp [Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho].

Heloísa: Foi assim, a gente estava namorando e queria casar quando acabasse o curso. Acabamos o curso em 1959, e nesse ano meu pai fazia 50 anos em setembro, aí meu pai falou assim: “olha, vem toda família do Rio de Janeiro, vem todo mundo para os 50 anos, então porque vocês não se casam?” A gente queria casar depois da formatura. “Vocês casam em setembro porque já vem a família”. Tanto que eu casei no dia do aniversário



do meu pai, dia 13 de setembro de 1959, ele fazia 50 anos, nos casamos. Aí, como me casei, passei para o noturno. Mas os professores eram os mesmos. A nossa formatura foi em março, pois ocorreram uns atrasos, por causa de greves. Aí meu marido, o Lelo, já tinha feito concurso. E eu também fiz concurso anos depois. Era questão de honra, saiu da faculdade tem que fazer concurso para rede pública. Onde vai ter cadeira para os dois? Naquele tempo eram poucas vagas, muito poucas, muito procuradas, e tinha que começar no interior, lá longe.

Paulo: A rede de ensino era menor.

Heloísa: Era menor e tinha muito candidato. Aí ele fez o concurso e eu não fiz, eu só fui trabalhar muito mais tarde na Unesp, enquanto as crianças eram pequenas eu não trabalhei. Quer dizer, até quando eu estava grávida da Lisa, em 1963, lecionei um ano em Martinópolis, dei aula no secundário...

Paulo: Você foi para Unesp em 1964?

Heloísa: Em 1964. Porque quando meu marido se tornou professor da rede pública, em Flórida Paulista, lá na... aqui em São Paulo a gente conta as regiões pelas [cidades maiores], lá na "Flórida Paulista", é mais para o norte do estado. Ele escolheu cadeira lá, mas ele já tinha... A Unesp, com o nome de Instituto Superior do Estado, em 1959, começou a se organizar, eram institutos espalhados pelo interior. Ele já tinha sido convidado para ir para [Presidente] Prudente para lecionar História da América. Então nós fomos para Flórida Paulista sabendo que logo iríamos para Prudente. Então, em Flórida, ficamos seis meses, morando em hotel, depois mudamos para Prudente. Em Prudente, o Antônio Carlos era pequeno, depois eu fiquei grávida da Lisa, morava em Martinópolis, que era ali perto, dei aula como substituta quando estava grávida, mas eu não queria trabalhar, queria cuidar das crianças pequenas. Aí, em 1964, ele dava aula de História para o curso de Geografia em Prudente. Ele dizia: "não é a mesma coisa que estar no curso de História, porque os alunos pouco estão ligando para História, os alunos



são de Geografia”. Porque primeiro abriu em Prudente, depois abriu o curso de História em Assis, que era aquele do prof. Amora, que era o português que tinha organizado a faculdade de Assis. Aí um colega nosso, o Virgílio, de História, foi quem começou a convidar as pessoas, ele tinha sido colega nosso no [curso] noturno, e falou: “Lelo, vem para cá para dar aula de História da América”. Aí fomos morar em Assis, ele ficou com a História da América e eu em casa. Foi quando faltou um professor de História Antiga, e veio uma comissão de professores: “então você não tem vergonha de ter o desperdício de um diploma da USP pendurado na parede? E você aqui em casa, e a gente precisando de professor de História Antiga...”, mas eu nunca quis saber de História Antiga, na faculdade eu não era tão boa aluna de História Antiga... eu sempre fui melhor aluna de História do Brasil. Aí me convenceram, eu comecei lecionando História Grega, mas nesse ínterim eu fiz concurso. Então, de tarde eu lecionava História Grega na faculdade e pela manhã dava aula para aqueles meninos... o único lugar perto de Assis que tinha vaga era Cândido Malta, uma cidadezinha pequena. Então eu lá, em Cândido Malta, com aqueles meninos de 12 anos. Eu lembro quando dei guerras púnicas, aquela história que a gente conta que Aníbal veio com os elefantes, e o menino, “quantos elefantes, professora?” “Não sei quantos elefantes, mas eu vou pesquisar”. Aí eu pesquisei em algum lugar, achei que era 11 e falei para ele; anos depois, agora há pouco tempo, eu descobri que eram 44. Era alguma leitura de paleografia que o 11 [foi confundido com 44]... Fui lecionar História Antiga para meninos num pequeno município, aqueles meninos todos trabalhavam na lavoura, então não era fácil, mas eu gostava. Dava aula para o Normal; no Normal era bom porque mandava as meninas fazer pesquisa na cidade, dava muitas aulas de História lá. E eu fiquei praticamente um ano no secundário, em 1967, mais ou menos. E em 1966... eu saí, porque falei, vou continuar só na faculdade, vou pedir tempo integral, porque ficava com tempo parcial, porque não tenho muita paciência para ficar aqui no secundário, já fiz a honra de ter feito concurso, que era minha obrigação, pelo meu diploma de História.

Paulo: Heloísa, como você foi em 1968 para o IEB [Instituto de Estudos Brasileiros]?



Heloísa: Em 1968 o Lelo pediu uma bolsa, porque em 1969 ele fez doutorado em História da América. Ele pediu uma bolsa... ele também estava estudando correio marítimo hispano-americano e correio marítimo de D. Maria I. Pediu uma bolsa, ganhou uma bolsa de seis meses da Fundação Gulbenkian para pesquisar o correio marítimo D. Maria I, e paralelamente estava pesquisando as coisas de Sevilha, mas Sevilha não tinha bolsa, então com aquela bolsa da Gulbenkian, antes [de ir para Portugal] a gente foi fazer as pesquisas em Sevilha. O que eu fiz? Eu pedi uma licença sem remuneração da faculdade, larguei o secundário e ficamos seis meses na Europa. E fomos passar o Natal de 1967 - a minha sogra, já falecida, era portuguesa -, e passamos o Natal com a família portuguesa lá na Beira Baixa. Depois ele e eu fizemos umas voltas daquelas de [world pass] na Europa inteira, ficamos um mês em Sevilha pesquisando correio marítimo de Carlos III. Eu, para não ficar aquele tempo sem fazer nada, pedi para fazer estágio, fiz um estágio no CNRS [Centre National de la Recherche Scientifique], lá em Paris, tudo por minha conta, e com o dinheiro que ele tinha da bolsa, que ele me mandava, fui eu com as duas crianças, minha sogra e minha irmã, ficamos um mês e meio em Paris, depois quase dois meses em Madrid, e aí eu pego maio de 1968, um pouco em Paris, um pouco em Madrid, para mim foi muito interessante. Mas o Lelo ficou em Portugal. E voltamos em junho, quando voltamos aqui já era o segundo semestre de 1968, eram aqueles grupos de discussão todo dia, lá em Assis tinha reuniões, tinha aquelas coisas... Parecia psicodrama, psicologia de grupo, era só discussão, discussão, e eu tinha ficado aquele tempo todo sozinha na Europa com essas ideias na cabeça, libertária, aí disse "eu não aguento mais ficar aqui"; eu nunca gostei de interior, mas as crianças eram pequenas, enfim. Aí eu fiz a proposta para o Lelo "eu não quero mais ficar, eu vou para São Paulo com as crianças e a gente vem fim de semana, quer ir comigo?" "Não". "Então fica. Eu vou procurar qualquer concurso para ir para São Paulo, e as crianças vão comigo e vão estudar lá". Mas ele, coitado, depois nos divorciamos, mas eu me dava bem com ele. E como diz a avó dele, portuguesa, ele sempre foi uma paz de almas, ele era muito tranquilo, então falou "tudo bem". Então eu comecei a procurar concurso, o que eu podia fazer em São Paulo. Então me inscrevi em três concursos, para historiógrafo do IEB, bibliotecário da FAU, de Arquitetura e Urbanismo, e bibliotecário da Faculdade de



Filosofia, e passei nos três. E naquele tempo o tal do historiógrafo era como se fosse um pesquisador e o salário era igual ao de bibliotecário, não ganhava como professor. Só em 1972 foi equiparado, foi obrigado a fazer doutorado...

Paulo: Salário de professor era melhor?

Heloísa: Era bem melhor. E em 1972, na reforma da universidade, acabaram com esse cargo de historiógrafo, era professor com função de pesquisa, no IEB. Eu passei nos três, ganhava mais ou menos a mesma coisa, mas eu falei, a carreira de pesquisador é mais instigante, é mais interessante, então optei pelo IEB, e as crianças vieram estudar aqui, e até a gente se separar em 1996, ficamos nessa vida de fim de semana de lá para cá, nas férias a gente viajava muito e foi assim. Eu fiquei no IEB até que apareceu essa bolsa da OEA para eu fazer esse curso de arquivo, em 1977. Quando eu fui para o IEB comecei a fazer o doutorado em Brasil Colônia.

Paulo: Você entrou no IEB em 1972?

Heloísa: No IEB era assim, por exemplo, pesquisa de história econômica; a gente fazia pesquisa que era subsídio para alguns professores do Conselho, como Alice Canabrava. Houve um grande Congresso Internacional de Estudos Brasileiros, em 1972, vieram muitos diretores da Alemanha, dos Estados Unidos, desses centros de estudos latino-americanos, estudos brasileiros no exterior, e a nossa obrigação era levantar uma bibliografia gigante, a Alice Canabrava era a coordenadora, e os quatro do Setor de História tivemos que fazer isso, organizar os documentos que interessassem para a história do arquivo; foi quando começamos a fazer o catálogo da Lamego.

Paulo: Você passou a ter contato com os arquivos de lá?

Heloísa: Não, já explico sobre o arquivo. E o IEB tinha uma coisa de bom, a pessoa podia trabalhar meio dia para o instituto e meio dia para as suas próprias pesquisas, então o



prof. Castelo, de Literatura, que era o diretor, me chamou, eu entrei lá em 1969, e ele me chamou e falou assim: “a senhora é formada em História e Biblioteconomia, para mim arquivo...” – agora a gente sabe que não é –, “arquivo é a união dessas duas coisas” – tudo que não é –, “então a senhora fica encarregada da [Coleção] Lamego”. Naquele tempo nem tinham entrado os colegas que entraram depois. Só tinha eu de História. Aí eu pego a Lamego, código 1, documento 1, casa jesuítica, 940 ponto 1, comecei a fazer carta por carta. Falei: “isso não pode ser, tem alguma coisa de errado, não pode ficar classificando um por um, tem algum erro aqui, arquivo não é isso.” Logo apareceu o primeiro Congresso Brasileiro, que foi em 1972, ou quase 1972. Então teve um pequeno cursinho, mínimo, básico da Marilena [Leite] Paes. Quando a Marilena fala, eu falo, pronto, “já sei o que é arquivo, não é nada disso aqui”. Aí eu voltei e falei “prof. Castelo, vou ter que estudar alguma coisa de arquivo”, naquele tempo nem tinha o curso superior, não tinha nada e fiquei lendo coisas de arquivo, com aquelas orientações da Marilena Paes, continuei. De todo jeito como aquilo é coleção, não é fundo, teve que fazer um por um mesmo, levamos anos. Mas foi um período muito bom, porque a gente podia fazer...

Paulo: Tinha liberdade de pesquisa.

Heloísa: É, eu estava fazendo a pós-graduação, aí eu comecei, entrei no Brasil Colônia, escolhi a profa. Maria Thereza Petrone, vou fazer qualquer coisa de São Paulo, não sei bem o quê, aí assisti essas disciplinas de pós-graduação. Ela estava dando aula sobre a plantação do açúcar em São Paulo, a lavoura do açúcar, século 18, e começou a falar no Morgado de Mateus, esse governador fez tanta coisa, mas nunca foi bem estudado. Então eu falei, eu podia até fazer um projeto para fazer um mestrado sobre ele. Aí fui falar com ela, e ela falou “de jeito nenhum você vai fazer o mestrado”; porque o concurso do IEB era muito interessante, o Sergio Buarque era presidente da banca, era o diretor. O concurso para a gente entrar no IEB era assim, você tinha o dia inteirinho, podia usar a biblioteca para montar um projeto de pesquisa, depois tinha uma prova escrita e outra prova oral de História, História do Brasil. Eu passei em segundo lugar, em primeiro lugar passou Emília Viotti da Costa porque ela já estava sendo perseguida, desde 1969, e



queria sair da faculdade e ela disse que fez mais pelo título, porque estava pleiteando ir para os Estados Unidos, como realmente acabou indo. Ela passou em primeiro lugar e eu em segundo, mas ela já veio logo falar comigo, “olha, logo eu vou desistir”; a Emília, tinha sido minha professora, uma honra. Então a Maria Thereza Petrone, acho que tinha sido da banca, falou assim: “você fez aquele concurso monstro, e já tem artigos publicados” e eu já tinha dado aula na ECA, porque enquanto eu esperava sair a nomeação para o IEB eu dei aula de História do Livro, de Referência Bibliotecária, em 1967, 1968.

Paulo: Eu anotei isso aqui, depois eu queria falar.

Heloísa: Aí eu dei aula na ECA, e na Escola de Sociologia [e Política de São Paulo], enfim, estava esperando sair a nomeação, porque ali era tempo integral. A Maria Thereza falou assim: “você não vai fazer mestrado nenhum, você vai fazer doutorado direto”. Então não tenho mestrado, eu fiz o doutorado direto, fiz o projeto e comecei a fazer as disciplinas da pós-graduação e defendi minha tese em 1976. Mas em 1974 peguei uma bolsa do governo português, do Ministério da Educação, e fiquei lá praticamente um ano.

Paulo: Em 1972 têm duas coisas importantes, você participa do primeiro Congresso Brasileiro de Arquivologia e participa daquela comissão que vai fazer o currículo mínimo. Como foi isso?

Heloísa: É assim, o primeiro Congresso foi muito interessante, ninguém tinha ideia que no congresso era bom apresentar [pesquisa], ninguém sabia nada de teoria, porque as pessoas, como a Nilza [Teixeira Soares], eram todas bibliotecárias, eram do curso de secretariado, trabalhavam... A Gilda [Nunes Pinto], da empresa Furnas, era uma grande arquivista, mas ninguém tinha formação em Arquivologia. Então no primeiro Congresso não teve teoria, nem metodologia. O que teve foi cada um apresentar o seu arquivo. Eu fui lá apresentar um arquivo do IEB. O que era um arquivo de escritório, de políticos, de pessoas notáveis. Porque o arquivo do IEB era e é isso. Tem o arquivo da instituição, que



está lá na secretaria, e o arquivo do IEB é um arquivo cultural, um arquivo só de fundos que vêm de fora. Então eu apresentei um arquivo do IEB.

Paulo: Com o conhecimento que você tinha na área de História, ou você escolheu coisas na área de Arquivologia?

Heloísa: Não, era só apresentar mesmo. Meu arquivo é formado de tantas... nem se falava fundo, é formado de tantos arquivos pessoais. O IEB sempre teve muita fama de ser o arquivo de Graciliano Ramos, de Mario de Andrade, do Fernando de Azevedo, do Oswald de Andrade, então todo mundo estava interessado, as pessoas perguntavam muito e eu dizia o que tinha; tem tantos livros encadernados, tem cinco mil documentos, veio junto com a biblioteca, não veio junto com a biblioteca, era só isso que era dito. E as outras pessoas também, cada um apresentava seu arquivo, mas o congresso foi um espetáculo.

Paulo: Qual foi sua impressão do congresso?

Heloísa: Espetacular, pela primeira vez no país as pessoas viam a cara do colega. Ah, você é arquivista? Eu não sou uma ave rara, você também é arquivista. E cada um muito sedento de aprender, aprender coisas mais teóricas. Poucas pessoas tinham estudado no exterior, como a Nilza. Então foi muito valioso por isso. As pessoas se conheceram, deram conta que tinha uma teoria por trás [do seu trabalho] e o [José Pedro] Esposel na batalha para implantar os cursos superiores. Eu acho que o Esposel chamou aquelas pessoas pelo arquivo em si. A USP sempre tem uma marca de peso no país. Então, eu era a única que de alguma maneira lidava com um arquivo dentro da USP, e eles me chamaram, chamaram a Hâmida [Rodrigues Helluy], porque há anos e anos era uma professora de arquivo de empresa, professora no sentido que ela organizava empresas e dava pequenos cursos.

Paulo: Ela era aqui de São Paulo?



Heloísa: É. Já faleceu. Então me chamaram para aquela comissão, eu fiquei muito honrada e foi muito interessante. Aí se estabeleceu o currículo mínimo, mas claro que o Esposel trouxe todos os dados e foi discutido, e dali saiu muita coisa, daquele primeiro congresso. E eu fiquei então no IEB, mais voltada para meu doutorado, defendi a tese em dezembro de 1976 e aparece... Até o Lelo, meu marido nessa época, fazia parte de comissões na reitoria da Unesp, aqui em São Paulo, já era diretor, ele foi diretor em Marília, em Prudente, foi várias vezes diretor em Marília e em Assis. Aí ele trouxe da Unesp a papelada do curso da OEA. Falou: “olha o que apareceu lá na reitoria, você não gostaria de fazer? É um curso de arquivo.” Eu fui falar com o professor [Aderaldo] Castelo, falei: “olha, professor, do jeito que eu faço não é o jeito que se faz arquivo, mesmo para trabalhar com coleções” Ah, também me cabia coordenar as meninas de Letras que estavam organizando [os arquivos de] Mario de Andrade e de Graciliano [Ramos], e não tinha um profissional de arquivo. Aí ele disse: “sim, eu concordo com o afastamento”, então eu peguei o afastamento para fazer o curso. Sete meses, que foram valiosíssimos para mim porque realmente abriram totalmente um horizonte. Então ele tem o status que depois ficou, tanto do ponto de vista formal, na universidade, é curso de especialização. Mas era um curso de dia inteiro, naqueles horários espanhóis, aulas das nove às duas, depois das cinco às oito, durante sete meses, com grandes estágios, fizemos um estágio em Sevilha, outro em Florença, outro em Valência e com professores que eu já conhecia de nome, de procurar na bibliografia, como Vicenta Cortés [Alonso]; então realmente foi espetacular.

Paulo: Você era a única brasileira?

Heloísa: Não, eu e Angela Mader Machado que, depois descobri, é prima da minha nora, Malu Mader. Mas Angela Mader Machado era arquivista de arquivo corrente, ela era arquivista do Ministério do Planejamento, e ela também foi.

Paulo: E havia alunos da América Latina.



Heloísa: De uns 12 países. No Dante Alighieri, no científico fazíamos dois anos de espanhol, eu tinha uma base de espanhol, mas ali procurava treinar bastante o espanhol. Hoje eu acho que lido bem com espanhol. Foi muito interessante essa experiência, porque cada um tinha uma pronúncia e... “Não, não, não aprende com ele não, porque colombiano não é assim”, aí o peruano falava... e certas palavras que um usava... foi uma experiência interessante.

Paulo: Você considera esse curso uma experiência fundamental para você se posicionar na área?

Heloísa: Esse curso foi fundamental. Esse curso era um curso muito respeitado, porque quando eu fiz estágio em Paris, dois anos depois... Foi quando o prof. Castelo falou “a senhora já aprendeu arquivo suficiente, não dou licença para ficar agora mais dois meses em Paris”. Eu falei, “então dá minha licença prêmio”. Aí peguei licença prêmio, fui com meu dinheiro, às minhas custas, mas eu tinha as primas portuguesas, me arranjaram lá uma água-furtada, foi uma experiência espetacular. Mas o curso... tinha professor francês que dizia, “olha, é aquela aluna que fez o curso espanhol”, eles mesmos respeitavam muito. Foi espetacular.

Paulo: Antes de você falar um pouco mais do curso da França, eu queria falar de duas coisas da sua trajetória. Primeiro é em 1974, o segundo Congresso Brasileiro de Arquivologia, que é em São Paulo, queria que você falasse um pouco sobre isso.

Heloísa: O professor Esposel foi um pouco precipitado... claro é natural, São Paulo, tantos destaques em tantas áreas, ele falou: “vamos tentar fazer lá”. Ele tinha contato com um pessoal de arquivo corrente de algumas empresas, e eu tinha dito: “olha, eu sou do IEB, mas na universidade eu não sou do Departamento de História, eu não tenho peso para chegar para a reitoria e pedir dinheiro, pedir sala”. Eu falei, “eu vou poder ajudar muita coisa, montar o congresso, mas eu não vou conseguir [financiamento]...” Naquele



tempo era diferente, não tinha como hoje esses congressos com patrocínio, CNPq, essas coisas, nem Fapesp; e ele ficou falando com o pessoal, com uma empresa famosa de microfilmes...

Paulo: Cenadem.

Heloísa: É, Cenadem [Centro Nacional de Desenvolvimento Micrográfico] então, ele ficou de ajudar Hâmida, enfim, conseguiram fazer no Tuca, tinha um pessoal da PUC que ajudou e tal, mas isso é muito peso para a Biblioteconomia, muito peso, e... É até cômico, porque teve briga de bater o guarda-chuva na cabeça da outra... Tipo assim, as bibliotecárias: "aqui vocês não vão tomar nosso lugar". Como talvez já tenham tomado em alguns órgãos do Rio de Janeiro, "mas aqui, não". Então era assim, uma não aceitação por parte das bibliotecárias, mas elas foram lá para ver. Veio o prof. [Aurelio] Tanodi. Então algumas apresentações foram espetaculares, para mim o que ficou...

Paulo: Você estava na comissão organizadora?

Heloísa: Para mim o que ficou na história da Arquivologia foi o trabalho que a Nilza apresentou. Esse congresso vale por aquele trabalho da Nilza, que é sobre o circuito dos documentos, a rotina. Nunca isso tinha sido falado no Brasil. Ela é muito modesta em relação àquele trabalho. Eu queria que ela revisse aquilo, e que aquilo fosse publicado, porque pela primeira vez no Brasil alguém falava numa metodologia arquivística.

Paulo: Você conheceu a Nilza nesse congresso?

Heloísa: Eu conheci a Nilza nesse congresso e fiquei de boca aberta e com uma admiração espetacular por ela. Depois, quando morei em Brasília, na implantação do curso de Arquivologia, tinha grandes conversas teóricas com ela, toda vez que encontrava com ela aprendia muito. A primeira vez que eu ouvi falar em organicidade foi com ela. Porque o historiador tem aquela tendência a considerar o documento em si,



nunca pensar em contexto nem nada disso, nem organicidade, e esse trabalho foi espetacular. Mas é considerado um fracasso aquele congresso.

Paulo: É, não é?

Heloísa: Tanto que depois... depois vários foram no Rio de Janeiro, porque o Esposel sentia que precisava ter a força dele ali. Os outros congressos foram espetaculares, depois de 1986, 1988, eu fui praticamente a todos aqueles primeiros.

Paulo: Esse texto da Nilza não está publicado em lugar nenhum?

Heloísa: Todo mundo tem os anais... não tem os anais, claro que não. Anos e anos depois, graças a Nilza que fez revisão dos anais do primeiro congresso, estão publicados os anais, é um trabalho da Nilza. Mas eu tenho xerocado, já nem sei onde está. Mas todo mundo xerocava aquele trabalho da Nilza. Quando voltei da Espanha foi que comecei realmente o meu trabalho dentro da área, porque aqui em São Paulo eu era a única que tinha feito um curso. O prof. Litto, da ECA, que era um professor americano de Teoria da Informação, das coisas de Biblioteconomia, logo me chamou para dar aula na pós-graduação, tanto que eu dava aula com o nome dele, porque eu ainda não era cadastrada na pós, comecei a dar uma coisa básica de Introdução, Arquivologia, na pós-graduação da ECA.

Paulo: Você tinha uma boa relação com o pessoal da ECA?

Heloísa: Sim, porque eu cheguei a dar aula... eu acumulei com o IEB dois anos, eu dava Bibliografia Referência, eu fui professora da primeira turma da ECA, tinha Johanna [Smit], tinha Cristina que depois foi professora... muitos professores de Biblioteconomia saíram dessa primeira turma.

Paulo: Você teve várias experiências lá como professora. Você gostava?



Heloísa: Sim, eu gostava, mas sempre a minha preferência era acabar voltando para pesquisa histórica e século 18. Uma das coisas que eu destaco nas entrevistas que eu dou, eu sei que eu sou mais [conhecida] como arquivista do que como historiadora, porque historiador têm muitos e professor de arquivologia são poucos.

Paulo: Heloísa, fala um pouco mais do curso que você fez, do estágio na França, no Arquivo Nacional, em 1979.

Heloísa: Com esse curso de 1977, imediatamente quando cheguei da Espanha, comecei dar essas aulas na ECA, graças ao prof. Lito. Lá no IEB mudamos muita coisa na organização dos arquivos e aí começaram a me chamar pelo país todo. Se eu tiver que destacar alguma coisa na minha carreira, eu acho que foi esse papel; não propriamente como professora universitária de Arquivologia, o que fui por pouco tempo, foram três anos UnB e dois anos na UNIRIO, aí efetivamente eu dei aula na graduação, mas eu acho que mais esse meu papel, porque eu dei aula em todos os estados, com exceção do Rio Grande do Norte, Roraima, Rondônia e Amapá, com exceção de quatro estados, eu dei cursos de 40 horas, muitas vezes, até repetidamente nos mesmos estados, mas dei em todos os outros estados com exceção desses. Fui muitas vezes, não só nas capitais, dei aula na Ceplac, no sul da Bahia, no Museu [Emilio] Goeldi, fui muitas vezes durante anos e anos. Durante o ano eu ia durante três, quatro meses dar curso no Museu Goeldi [em Belém do Pará], me chamavam os arquivos públicos, as universidades, as instituições, dei aula em Santa Maria várias vezes. Enfim, eu dei aula em todas aquelas cidades da terra gaúcha, em Caxias, aquelas outras cidades do vinho.

Paulo: Região da Serra Gaúcha, Bento Gonçalves...

Heloísa: Bento Gonçalves, em Santa Catarina, Orleans, Blumenau, enfim, no Acre dei cursos duas vezes, Manaus, Cuiabá, Aquidauana [MS], eu acho que a minha principal contribuição para a área foram esses cursos e o entusiasmo que eu tenho pela área,



porque isso eu transmito. Se eu fosse contar minha carreira, os fatos, os testemunhos que eu tenho das pessoas... Como no Acre, um funcionário público: “eu trabalho há 20 anos no arquivo, nunca ninguém me disse que aquilo era isso”. Ou quando eu fiquei um mês dando aula em Angola, na verdade aquela vez eu fui mais por causa de indexação, mas acabei dando um curso de arquivo em indexação, e veio um general daqueles cheios de medalha... Eu fiz uma conferência sobre a importância dos arquivos, e tinha gente saindo pelas janelas em Luanda, eram aqueles anos horríveis da guerra, eu fui em 1985. Aí veio toda aquela elite do governo e da universidade, eles tinham já universidade, mas era tudo incipiente, e aquela penúria, eles passavam fome. Eu fui naquela época que tinha sabotagem, então explodiam mina, essas coisas. Eu disse: “olha, eu me sinto constrangida nesse país que procura agora se estabelecer com tanta dificuldade, com fome, e eu a dizer que no manuscrito precisa pôr uma folha de papel de seda japonês comprado...”, eu falei, “isso aí é constrangedor porque com criança passando fome, falar no papel japonês que tem...”. Aí um [senhor] grisalho, cheio de medalhas, disse: “a senhora, doutora, não esteja preocupada com isso, porque para nós mais vale saber a nossa identidade, mais vale a identidade, então esses documentos do passado são preciosos para conhecer nosso passado; então se é para passar fome, passa fome, mas esses documentos não podem se perder”. Já pensou? Até hoje me arrepio só de pensar. Então eu tenho muitas experiências desse tipo. Lá em Orleans também, uma documentação que ninguém sabia o que era, e no final foi uma coisa emocionante porque a prefeitura achava que aquilo era tudo para jogar fora, e eram documentos que mostravam os primeiros colonos, as brigas que eles tinham com os índios, então tenho muita experiência nesse sentido. Nesses pequenos cursos vinham alunos da História, da Biblioteconomia, mas também muitos funcionários, porque como são cursos rápidos, cursos de aperfeiçoamento, de atualização, então vinham funcionários que só tinham o curso primário. Quem trabalhasse em arquivo eles mandavam. Já tive uma experiência aqui em São Paulo, quando fui dar um curso de Diplomática, e uma menina que trabalhava em arquivo no Saesp, Sistema de Arquivos do Estado, me disse: “adorei a sua aula, achei tão bonita, não entendi nada, mas adorei sua aula”. Eu falei, “agora, aos poucos, você vai fazer os cursos elementares, porque isso aqui, vamos dizer assim, na



escala do seu aprendizado de Arquivologia está em quinto lugar, você chegar na Diplomática”. Então eu me orgulho disso, porque fui um caixeiro viajante, também fiz isso. Na Argentina o prof. Manuel Vázquez me convidou para Córdoba: “eu já fiz um périplo aqui para a senhora”, lá eu ia de ônibus. Porque na Argentina, naquele tempo, anos 1990, não havia ligação entre as cidades, mesmo as cidades grandes. É um país muito vazio, é um país macrocéfalo, o país tem vinte e não sei quantos milhões de habitantes e uns cinco milhões em Buenos Aires ou ali em Rosário, naquela região do Prata. Lá eu ficava na casa de uma colega, Norma [Fenoglio], dormia na casa dela. Dei um curso em Buenos Aires, outro em Córdoba, depois ia para Buenos Aires, saía meia-noite, chegava de manhã em Salta, Jujuy, Tucumán, ficava dois dias, fazia aqueles cursinhos rápidos, voltava. Eu sei que eu entusiasmava as pessoas porque eu falo da profissão, insisto nisso, que não é uma profissão de segunda, não é o historiador fracassado que vai ser arquivista. Então eu acho que eu contribuí para que muita gente realmente passasse a gostar da área.

Paulo: Heloísa, eu queria que você falasse sobre duas experiências fundamentais nos anos 1980. Os anos 1980 para o Brasil, de maneira geral, é a chamada década perdida, do ponto de vista econômico, mas para a Arquivologia acho que foi uma década muito rica e exitosa de projetos e iniciativas diversas. Você participou de duas iniciativas fundamentais, primeiro foi o projeto SAESP [Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo] no governo Franco Montoro, quando a diretora do arquivo era a Inês [Etienne Romeu] e depois o José Sebastião Witter, e em 1986, quando você está à frente da criação do curso de especialização do IEB, Organização de Arquivos, que é um curso considerado exemplar, foi um curso importantíssimo para a formação de profissionais de arquivo durante muito tempo, num período, nos anos 1980, em que tínhamos [apenas] três graduações, então foi um curso que formou muita gente, e não só de São Paulo, de outros estados também. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso.

Heloísa: Embora o sistema fosse posterior ao curso, eu vou falar primeiro do sistema. Na verdade, a primeira experiência que a gente teve nessa questão do sistema foi com o



SAUSP, o Sistema de Arquivos da USP. Nós tivemos o convite do reitor, ele pediu que isso fosse organizado antes da sua saída, que parece que seria em 1994. Ele pediu que fosse organizada uma comissão para pensar na questão dos documentos da USP. Então a reitoria chamou a profa. Ana Maria Camargo, a Johanna Smit, a Rose Inojosa, que era da Fundap, que é a fundação que o governo tem para aperfeiçoamento administrativo, e essa comissão, a Ana Maria, a Johanna Smith, a Rose e eu, com auxílio de alguns funcionários administrativos da reitoria, começamos então a montar o que seria o sistema de arquivo da USP, que hoje em dia floresce, funciona perfeitamente. Foi a metodologia participativa digamos assim, como a chamava a profa. Rose Inojosa, em que nós dávamos as diretrizes e os próprios funcionários dos arquivos iam preenchendo aquele “esqueleto” que a gente fornecia. Nisso a informática teve um papel importante, porque era tudo feito, para cá e para lá, através da informática, mas cada unidade da USP organizou a sua comissão de arquivo. Isso foi muito importante. A gente teve a colaboração tanto da reitoria como dos diretores, e essas comissões receberam um pequeno curso introdutório sobre arquivologia em geral, e depois a metodologia de como ia ser construído o sistema. A gente fazia reuniões periódicas e em dois anos [o sistema] estava montado e foi um trabalho muito importante. Depois, no Arquivo do Estado, a administração do governador Franco Montoro pediu para que também que se instalasse um sistema. Eles não tinham uma ideia clara de que era preciso instalar um sistema. Eles queriam que se organizasse a informação arquivística, os arquivos da administração pública do estado, então o governo Montoro teve esse papel importante. Chamou o mesmo grupo, o prof. Witter foi intermediário e foi o Francisco de Assis Barbosa que veio para fazer o aperfeiçoamento do Arquivo do Estado. Depois ele, com o prof. Witter, foram diretores... porque o prof. Witter foi [diretor] duas vezes, foi logo depois do Francisco de Assis, depois teve a Inês Romeu, depois o Witter voltou para direção do Arquivo do Estado. Então viram que aquela metodologia do SAUSP seria ideal para esse arquivo. Porque os participantes, quem estava no dia a dia do arquivo, foram construindo a metodologia com a gente. A gente dava a parte teórica, mas a prática deles também serviu, serviu e muito. Isso tudo muito amparado pela legislação. Então a gente teve testemunhos interessantes de quando a gente completou o sistema de arquivo da



USP, e muitos diretores disseram: “só agora que eu vi qual é a estrutura administrativa da USP, agora que o sistema foi publicado, com todo o organograma da universidade; precisou vir um sistema de arquivo para nos mostrar o funcionamento da universidade”. Então no estado foi utilizada essa metodologia. Também as secretarias de estado formaram comissões, elas receberam um pequeno curso e foi também esse vai e vem... nós mandávamos os questionários, vinham preenchidos, e no caso do SAESP, do Sistema de Arquivos do Estado, a comissão era pequena, porque comissão grande não funciona, os membros da comissão foram encarregados de, entre aspas, inspecionar como estavam funcionando essas comissões nas várias secretarias. Lembro que a mim coube a Secretaria da Saúde, a Secretaria da Educação, então de vez em quando ia lá, conversava e via como a coisa ia marchando, e depois de uns dois anos de trabalho, de preparativos, saiu a lei, o decreto do governador criando o SAESP, com a mesma metodologia que foi usada na USP, isto é, em vez de começar pelo plano de classificação, que era o que a gente aprendia nas aulas teóricas, que primeiro faça um plano de classificação, depois vem a bendita avaliação; nosso primeiro instrumento publicado foram as tabelas de temporalidade. Porque a tabela de temporalidade é que levantou as funções e os documentos pertinentes a cada uma das funções, subfunções das atividades, operações da USP, depois a mesma metodologia foi usada no estado; e se a gente examina a publicação vê, ali tem a função, a subfunção, a atividade. A qual atividade correspondem os documentos. E houve muito trabalho também na terminologia dos documentos, documentos iguais com nomes diferentes, tudo isso, essas arestas todas foram aparadas e hoje o Arquivo do Estado funciona perfeitamente sobre a base da temporalidade. E o Arquivo do Estado tem...

Paulo: Função importante de coordenação do sistema.

Heloísa: Isso, o Arquivo do Estado, com seu arquivo permanente normal. Mas tem também o que eles chamam de gestão dos documentos do estado, que é um departamento importante, atuante, sempre em contato com as secretarias e também dando amparo técnico aos municípios. Quer dizer, os documentos municipais não têm



nada a ver com os documentos estaduais, mas um amparo técnico, metodológico é fornecido pelo estado aos municípios.

Paulo: O SAESP é considerado por muitos, e eu já ouvi isso, um sistema muito bem-sucedido num cenário de dificuldades de arquivos públicos no Brasil, que você conhece, particularmente nos estados. Na sua opinião, que fatores determinam ou determinaram esse êxito do SAESP? O que marcaria essa diferença?

Heloísa: Até parece batido eu falar nisso, ficou banalizado a gente dizer: vontade política. Eu tenho testemunho que, quando um governador de um estado, com as dimensões do estado de São Paulo, como foi o Franco Montoro, sentava-se à mesa conosco, naquele tempo... depois essa comissão desapareceu, mas havia um Conselho Estadual de Arquivo, quando começamos a pensar no SAESP, esse governador ficava horas assistindo a nossa reunião, fazendo perguntas. Quer dizer, a autoridade máxima do estado estava não só interessada como estava procurando compreender o que era o sistema. Volto ao exemplo da USP, foi a mesma coisa, quando a reitoria, primeiro, a autoridade máxima, os diretores se convenceram que isso era bom que fosse feito, a coisa foi adiante. Então o apoio que a gente teve das autoridades, tanto na USP como no estado, foi da máxima importância. E isso é uma coisa que o Arquivo Público do Estado de São Paulo tem procurado sempre, fazer com que essa chama não se apague, quer dizer, que as autoridades das diversas secretarias continuem a compreender [a importância disso], e por isso o Arquivo do Estado está sempre publicitando o que ele faz. Porque as vezes parece exagero, parece que é demagogia, mas não é. Porque é chamar atenção, "olha, a gente não parou, a gente está continuando".

Paulo: Está buscando desafios, buscando inovação...

Heloísa: E a coisa está seguindo. Porque no país também existe muito aquele estrondo quando a coisa é lançada, depois sai do noticiário e nunca ninguém mais sabe se continuou ou não.



Paulo: Heloísa, gostaria que falasse um pouco do curso do IEB.

Heloísa: O curso do IEB surgiu da seguinte forma: em 1983, portanto quando as outras faculdades existentes já estavam formando mais de uma turma, estavam florescentes, o prof. Sebastião Witter, então diretor do Arquivo do Estado - era do Departamento de História [da USP], infelizmente faleceu no ano passado [em 2014], mas deixou uma obra importante como diretor do Arquivo do Estado [Arquivo Público do Estado de São Paulo] por mais de uma gestão. O prof. Witter me procurou e disse: "eu acho que está na hora da USP ter um curso de graduação em Arquivologia, você pode fazer o projeto?" Então, eu tomei os currículos dos cursos existentes, mais a minha experiência do que tinha feito na Espanha, as disciplinas, e a minha ideia, que era alguma coisa que não existia nos demais cursos de Arquivologia, dar mais peso às matérias que tivessem a ver com a administração, tanto pública como privada. Então, eu fiz um projeto, como se faz normalmente para a USP ao se tentar um curso novo. Você coloca as disciplinas que pretende que estejam presentes em cada semestre e, se são disciplinas já existentes na USP, você coloca o número USP, o número da disciplina com a sigla da faculdade. E depois as disciplinas novas, porque as que tem a ver com o curso novo estão em branco, isto é, são disciplinas a criar. Então, eu montei o curso usando disciplinas, evidentemente, já existentes na Escola de Comunicações e Artes, principalmente as ligadas à área de Biblioteconomia, que eram relativamente poucas, as disciplinas do Departamento de História, que também eram relativamente poucas, e as disciplinas novas, que ficavam em branco. O que eu pensei - e falei com o Witter e ele achou espetacular a ideia - era: não vamos apresentar isso na Faculdade de Filosofia nem na Escola de Comunicações e Artes, vamos apresentar na FEA, a Faculdade de Economia e Administração. Porque eu sempre digo isso, a Arquivologia tem muito mais a ver com Administração e Direito do que com História e Biblioteconomia. Então vamos apresentar à Faculdade de Administração. Ora, isso foi no final de 1983. Esse projeto chega na Congregação da FEA, os professores da Administração olham e não se dão conta de que aquelas disciplinas em branco eram disciplinas a serem criadas lá, e nem eram tantas, e começam



a contar as disciplinas que pertenciam à ECA e à História. E dizem: “ah, mas esse curso tem muita disciplina da ECA, esse curso não é para cá, esse curso é para a ECA. Eu acho que é engano terem apresentado isso à Administração.” Quer dizer, talvez tenha faltado na introdução que o prof. Witter e eu fizemos, de ter frisado mais que o lugar da área de Arquivologia, dentro de uma universidade, é junto [ao curso de] Administração. Então [o projeto] foi mandado para a Congregação da ECA. Aí a força da Biblioteconomia é muito grande, e elas falaram assim: “não, não interessa estar criando um curso novo, aqui na USP é sempre difícil um curso novo, mas uma especialização em Arquivo seria interessante aqui na ECA”. E eu, nessa altura, pertencia ao Instituto de Estudos Brasileiros, e o próprio diretor do IEB, prof. Aderaldo Castelo, não queria abrir mão de que fosse um curso também ligado ao Instituto. Então houve um entendimento entre os dois diretores, de que o curso seria uma iniciativa da Escola de Comunicações e Artes e do Instituto de Estudos Brasileiros. Mas sabe como essas coisas demoram, até ir para FEA, sair da FEA, ir para a ECA, chegou 1985, em 1986 foi dado o primeiro curso. Convidamos o prof. [José Pedro] Esposel, que veio fazer a apresentação. O prof. Esposel sempre foi muito a favor dos cursos de graduação, ele era contra esses cursos de especialização, porque isso alimentava um mercado de trabalho de pessoas não graduadas. Então ele fez um discurso muito bonito, para a gente foi interessante, só que...

Paulo: Ele tocou nesse ponto.

Heloísa: Ele falou assim, “espero que esse curso de especialização comece muito bem, chame atenção sobre a área, mas dure pouco tempo e seja logo substituído por uma graduação”. Aí todos nós concordamos, pronto. Mas aí até a gente explicou que por enquanto não estávamos visando esses meninos que saem do secundário com 17, 18 anos, estávamos visando profissionais de História, de Biblioteconomia, pessoas que estavam formadas em Letras e que estavam trabalhando em arquivo sem saber teoria e tal. E o curso começa a funcionar em 1986. Em 1986 e 1987 funcionou em dependências da ECA, depois houve um certo desinteresse do Departamento de Biblioteconomia, “não há sala, o horário vai atrapalhar”, uma certa má vontade, e o Instituto de Estudos



Brasileiros encampou. Continuava [sendo] ECA porque havia muitos professores da ECA que vinham gratuitamente dar essas aulas, mas o curso começou a funcionar só nas dependências do IEB. Mas ele foi estruturado como se fosse uma pequena graduação, tinha todas as disciplinas de uma graduação, tinha estágio e naturalmente a USP não tinha professores para todas aquelas disciplinas, principalmente para a área de Arquivo Corrente, Informática etc. Informática ainda tinha. Então os professores, sendo da USP, davam aulas gratuitamente, quer dizer, dentro do trabalho normal deles como professores, e o instituto pagava as aulas dos professores que vinham de fora. A professora de Arquivo Corrente era Rose Inojosa. Aliás, a Rose é formada em cinema, mas ela tinha trabalhado muitos anos no Arquivo Municipal, e muito tempo na Fundap, na área administrativa, e ela foi realmente a primeira professora de Arquivos Correntes, de maneira brilhante. Então o curso durou vinte anos, Era um curso que obrigava as pessoas estarem em São Paulo, porque era todo dia, tínhamos aulas de manhã e estágios à tarde, o curso variou entre 450 e 470 pessoas, até 600 horas/aula, dentro da legislação da USP para curso de especialização, e foi um curso vitorioso, pois tivemos alunos de praticamente de todos os estados brasileiros, tivemos alunos da Colômbia, do Peru, de Angola e Moçambique, e é um curso que nós acompanhamos... Eu fui coordenadora até me aposentar da USP, em 1990, e quando me aposentei continuei a dar aula lá, mas aí já não era mais coordenadora. O resultado que tivemos foi muito bom, quer dizer, [depois de] anos e anos a gente ainda tem ecos de pessoas dizendo "isso eu aprendi no IEB", e a gente tem testemunhos de alunos de graduação que vieram do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro "mas isso foi uma maravilha, porque foi como um resumo dos quatro anos que eu fiz na faculdade". Quer dizer, era como se fosse uma graduação de forma densa. E o curso foi naturalmente acompanhando a modernização, nas primeiras aulas usávamos transparências, depois passamos ao PowerPoint, e os alunos obrigatoriamente faziam estágio em Arquivo Corrente, nos arquivos da USP...

Paulo: O trabalho final o que era, uma monografia?



Heloísa: Primeiro, não era monografia, era relatório de estágio, dos dois estágios que eles faziam, obrigatoriamente. Faziam [estágio] de Arquivo Corrente nos protocolos de várias faculdades na USP, com os quais entrávamos em contato e eles aceitavam, e eram escolhidos, no Arquivo Municipal e no Arquivo do Estado, partes de fundos dos quais os alunos faziam catálogo ou faziam inventário, um trabalho de descrição. O último curso foi em 2008, mas só acabou na verdade em 2010, porque mudou a legislação da USP em relação aos cursos de especialização, agora eles tinham que durar um ano e meio, os alunos tinham que defender um TCC, um trabalho escrito ao final, com defesa, e para nós esse TCC foi muito vantajoso, nós tivemos defesas de TCC sérias, com três professores, três examinadores, foi muito interessante, mas o nosso público não era esse, o nosso público era, por exemplo, funcionários de arquivos estaduais, do Acre, do Ceará, do Maranhão, que vinham com licença para ficar três meses.

Paulo: E ter que ficar um ano e meio...

Heloísa: O curso tinha que se espalhar... isto é, o curso começou a ser só as sextas-feiras, assim mesmo tivemos muitos alunos do interior que viajavam e vinham e voltavam; mas já um funcionário público não pode ficar um ano e meio em São Paulo só para ter aula sexta-feira. Então o público mudou.

Paulo: Também houve o crescimento da graduação no país.

Heloísa: Pois é. Outra coisa foi que, com a aposentadoria da profa. Yeda Dias Lima, de Paleografia, ela foi a última das professoras do curso a se aposentar no IEB, isto é, no IEB já não tinha [um professor que pudesse] ser coordenador, um professor que desse aulas. Provisoriamente ainda ficou a profa. Flavia Toni, mas ela é uma especialista em Música, trabalhou em muitos arquivos privados de músicos, ela dava aulas sobre organização de documentação musical, e ainda ficou nos últimos anos, mas já não era um professor que tivesse acompanhado o curso. Depois, houve o aparecimento de um curso em uma das universidades estaduais. Em Marília, em 2006, 2007, abriu o curso de Arquivologia. O



crescimento, [o surgimento de] outras faculdades de Arquivologia em outros estados, e, principalmente, foi cada vez apertando mais a exigência legal do diploma de Arquivologia nos concursos públicos. As pessoas reclamavam, porque era um curso puxado. Eu sempre dizia assim, eu me responsabilizo pelos alunos que saem daqui, pois eles foram capazes de fazer esse curso. O curso era puxado, eles tinham muito trabalho de um dia para outro. Então, as pessoas diziam: “eu fico três meses, me sacrifico, faço o curso, eu sou capaz de fazer um concurso, mas não tenho direito de me inscrever porque não tenho título de arquivista”. Então isso fez com que realmente o IEB desistisse de continuar o curso, ainda que até hoje haja muita procura, gente que telefona “mas o curso não vai voltar...”, porque ele era principalmente para pessoas que já trabalhavam em arquivo. As aulas eram muito interessantes porque havia muita gente experiente e também vinha muita gente de fora.

Paulo: E tinha um bom corpo de professores.

Heloísa: Um bom corpo de professores, com gente que trabalhava, mas não tinha o título, a metodologia, enfim, os debates eram muito interessantes, e as diferenças regionais eram... havia sempre muita confraternização, havia alunos de fora que acabavam indo morar na casa de alunos daqui, havia uns que vinham sem recursos e o pessoal ajudava. Nós tivemos alunos do Acre que vinham passar os feriados e vinham de ônibus! Então a experiência foi muito interessante. E os resultados a gente tem até hoje, alguns foram fazer a graduação de Arquivologia e outros, mesmo com outros cargos administrativos, com outro nome, digamos assim, de registro profissional, mas trabalhando em arquivo... Por exemplo, eu visitei um arquivo do Fórum de Juiz de Fora. Tinha uma menina que trabalhava no Fórum e eles não deram licença para ela fazer o curso da USP, aí ela pediu demissão, morava cada semana na casa de uma colega, fez o curso, voltou, e foi readmitida lá. Depois eu fui dar um curso em Juiz de Fora e fui visitar o arquivo. Quando eu vi plano de classificação que a menina fez para o Fórum, eu disse “menina, onde você aprendeu tudo isso?”, “no curso do IEB”. Daquele jeito, de favor dos colegas... Então são muitas emoções. No passado, eu estava num restaurante no Rio de



Janeiro com o Toni, e veio um senhor, e disse: “professora, professora Bellotto...” O Toni até espantou. Quer dizer, “eu fui aluno, há 20 anos, do curso do IEB, eu sou do Acre, eu era funcionário de uma secretaria...”, e estava numa mesa com amigos, e começou a falar do curso do IEB, e eu claro que nem lembrava mais dele. Então essas experiências são gratificantes. E muitos são professores de Arquivologia, a coordenadora do Saesp foi aluna do curso, o prof. Renato [Tarciso] da UnB, o André [Ancona Lopez], Ana Célia Rodrigues quer dizer, a Yeda Bernardes Pimenta que é do Arquivo do Estado. Então os que trabalhavam, agora estão aposentados, do arquivo do IEB, fizeram o curso, e essas pessoas de outros estados, a atual diretora do arquivo do Museu Goeldi, e dos arquivos estaduais, da Paraíba nós tivemos muitos alunos, mas o estado que mais mandou foi o Pará. Nós tivemos 19, entre os vários anos, entre o Museu Goeldi e o Arquivo Público vieram muitos e muitos do Pará. De Manaus também. São pessoas que trabalham nos arquivos estaduais. A maioria era mesmo formada em História, e muitos são até professores de Arquivologia ou trabalham em arquivo, mas claro, sem o título. Eu acho que o curso representou um papel na história da Arquivologia do país.

Paulo: Sem dúvida. Heloísa, nessa mesma época, nos anos 1980, a Ana Maria Camargo vai dirigir o arquivo de Rio Claro que é importante. Quando você conheceu a Ana? Foi nessa época ou você já conhecia a Ana Maria?

Heloísa: Eu conheci a Ana Maria no Departamento de História, da ANPH, Associação Nacional dos Professores de História, pois ela, praticamente desde a graduação, sempre trabalhou ali como monitora, se formou e logo se tornou professora do departamento. Então eu já a conhecia desde o tempo que fui professora de História lá na Unesp. Porque, claro, a Ana Maria e a Raquel Glazer, esse grupo todo, eles se formaram na faculdade, ela saiu em 1964, quer dizer, ela não chegou a ser nem minha caloura, ela entrou na faculdade quando eu já tinha saído. Mas um dos trabalhos que ela fez, como aluna, com seus colegas, foi do prof. Eurípedes Simões de Paula. Era um grande projeto chamado “Fontes primárias da cidade de São Paulo”, e até meu marido, Manoel Bellotto, em várias cidades onde moramos, ele fez [colaborou com] esse projeto e mandava [o material] para



o prof. Eurípedes e ele ia reunindo. E a Ana Maria, a Raquel, a Dulce Ramos, elas trabalharam também nesse projeto das fontes. Quer dizer, não só na História, mas também através dos arquivos, nós nos encontramos. Devo a ela, por exemplo, uma série de artigos que ela publicou na revista do arquivo de Rio Claro [Boletim Arquivo Rio Claro], e que depois deram origem ao livro Arquivos permanentes. E a Ana Maria hoje tem um papel muito importante, porque ela é uma teórica, ela é professora de Metodologia da História, e ela voltou-se para os arquivos, primeiro dedicou-se muito à questão dos arquivos municipais e agora aos arquivos pessoais, para os quais ela é uma autoridade na teoria, na metodologia.

Paulo: Não só nacional, mas internacional também.

Heloísa: A metodologia dela para organização de arquivos pessoais é revolucionária, ela é muito respeitada na Espanha, em Portugal.

Paulo: Heloísa, ainda falando de certa forma da Ana Maria, no final dos anos 1980, o núcleo da AAB [Associação dos Arquivistas Brasileiros] de São Paulo toma a iniciativa de criar o grupo de trabalho de terminologia arquivística, que vai resultar, logo em 1990, na publicação de um dicionário brasileiro. Queria que você falasse um pouco dessa experiência e da importância desse trabalho.

Heloísa: Quando o Conselho Internacional de Arquivos lançou o dicionário, nos anos 1980, e solicitou que os vários países fizessem as respectivas traduções, dando a liberdade de que fossem acrescidos termos próprios da sistemática daquele país e tal, e que fossem feitas tentativas, fossem entregues, fossem tornadas públicas para que as pessoas discutissem, mandassem sugestões etc., então o grupo dos arquivistas, aqui eu digo arquivista como aquelas pessoas que trabalham em arquivo, não propriamente pessoas tituladas, isto é, formadas em Arquivologia ou provisionadas, como eu, que sou das poucas provisionadas [ainda] vivas, então nós logo pensamos em fazer essa tradução com base no dicionário do Conselho Internacional de Arquivos. E foi importante, era uma



equipe formada por pessoas que ainda hoje estão na área, a Viviane Tessitore [da PUC-SP] e o pessoal do Arquivo Municipal e outras que trabalhavam no Arquivo do Estado. E então foi lançada em 1990, e acho que em 1996, uma outra edição mais atualizada, depois apareceu a tradução feita pelo Arquivo Nacional, e, naturalmente, sendo a publicação do Arquivo Nacional ela é considerada a tradução oficial do país para o dicionário de terminologia arquivística internacional. Eu acho que foi importante esse dicionário, tanto que os alunos usam dicionário de São Paulo, um do Rio de Janeiro... é bastante semelhante porque nenhum foi inventado, está baseado sempre no dicionário do Conselho Internacional de Arquivos. Mas de todo jeito, essa uniformização da terminologia é muito importante para a área, uma área não se constrói sem ter metodologia própria, a terminologia, uma certa uniformização nos currículos das escolas superiores, para que afinal todos os profissionais acabem falando a mesma língua.

Paulo: Em 1990 você participa da concepção da criação do curso da UnB, como você comentou agora há pouco. Foi coordenadora do curso e foi professora por aproximadamente três cursos, em torno de três anos. Queria que você falasse um pouco sobre essa experiência e o que ela significou. Ela é vista como referência, na medida que você tinha durante um bom tempo três cursos, que foram criados nos anos 1970. Sobre esse curso da UnB, passados dez anos ou um pouco mais da criação dos primeiros cursos, o que, na sua, visão trouxe de acúmulo esse período, de inovação, o que significou a concepção desse curso?

Helóisa: Mais uma vez eu chamo atenção para o papel da Nilza Teixeira Soares, porque ela nessa altura, acho que já estava aposentada do Arquivo da Câmara Federal em Brasília, mas ela, juntamente com a profa. Lídia Alvarenga, que era uma professora que tinha vindo de Minas Gerais para o curso de Biblioteconomia da UnB, sentiu a necessidade de abrir um curso de Arquivologia na UnB. E as duas conversavam muito, já tinham material para lançar o projeto de um curso, e pensaram no meu nome, eu ainda estava na USP, mas eu tinha tempo para aposentadoria, não por idade, mas por tempo de serviço. A proposta delas era tentadora, que eu fosse para Brasília, contratada pela



UnB, para implantar o curso da maneira como eu queria. Cheguei a conversar com elas que ia dar muita importância às áreas de Administração e Direito. E elas gostaram e me incentivaram.

Paulo: E não houve resistência da Biblioteconomia, nesse caso?

Heloísa: Não. Lá foi interessante. Não houve porque também estiveram muito presentes os professores da Biblioteconomia de lá. E era mesmo uma professora da Biblioteconomia, no caso, a Lídia Alvarenga, que estava concordando com isso. Aí elas disseram: “então você pode estar aqui em dezembro?”, eu disse: “não, em dezembro eu já tenho a viagem marcada”, que a gente ia passar o Natal com a família lá em Portugal. Elas disseram: “mas não tem importância, você vem conosco nessas aulas...” Porque novembro, mais ou menos, tinha saído a minha aposentadoria da USP. Elas falaram comigo durante o ano, então eu já estava pensando... eu não estava pensando, não, eu pedi a aposentadoria mais por causa disso, porque eu achei que era um projeto tentador. Interessante porque aí foi feito o contrato, tudo, e esse contrato aparece na aldeia da minha sogra lá em Portugal. Era um papel da UnB, então a aldeia inteira sabia que tinha uma universidade de Brasília, porque é uma aldeia muito pequena, que nem tem entrega de correio, nem nada, tudo chega no correio central, e a senhora do correio central sabe da vida de todas as pessoas da aldeia. Eu tinha dado o endereço de uma das primas lá de Portugal, e chega aquilo, eu assinei o contrato, e fiquei de voltar, mas esse contrato foi assinado em dezembro, e em janeiro a gente voltou e eu logo fui para Brasília. E o projeto então foi apresentado com muitas disciplinas de Direito, de Administração e as da Biblioteconomia e algumas novas, com pessoas a serem contratadas. O departamento aceitou, mas alguns departamentos, como o de Administração, estranharam um pouco, mas mesmo eles gostaram. Esses cursos, quando você monta, por razões de falta de verba e tal, eles não podem contratar um professor de Administração para dar aula no curso de Arquivologia, quer dizer, os nossos alunos têm que assistir as aulas lá. Então você não pode pôr qualquer disciplina. Havia certas disciplinas que eu tinha posto porque eu tinha visto no currículo deles disciplinas espetaculares, só que elas tinham pré-



requisitos, pré-requisitos que os alunos do nosso curso não fariam. Então o pessoal de Direito me chamou, disse: “essa disciplina de Direito Administrativo, não pode ser porque precisa ter feito isso, isso e aquilo”. Eles mesmo aconselharam, “o ideal para vocês é IDPP, que é Instituições do Direito Público e Privado”, essa disciplina vai calhar muito bem, que os meninos da Arquivologia venham aqui porque eles vão entender. E assim foi, a Administração também, eles mudaram um pouco, mas concordaram com aquele número de disciplinas. Mas me chamaram nos departamentos, e eu fui, porque a UnB deu um apoio muito grande, logo me arranjaram apartamento, já fui para morar lá dentro da universidade; e apenas um professor de Direito falou: “eu estranho que tenha essa disciplina de ‘diplomacia’”, e eu falei: “Diplomática é o seguinte, é o estudo intrínseco do documento, estrutura do documento, para entender as partes...”, “ah, não é diplomacia?”, “não, é Diplomática”. Mas foi muito bem recebido. E realmente já mexeram nesse currículo, já diminuíram o jeito que eu tinha deixado. Por quê? Algumas disciplinas da Administração, os meninos começaram a reclamar “a gente tem que aprender a fazer orçamento, para que eu tenho que aprender a fazer orçamento?” Aí eu fui lá para explicar para o professor. “Eles têm só que reconhecer”. Outras disciplinas de Administração foram boas, deu certo, mas essas mais técnicas, “eles têm que reconhecer, mas eles não precisam fazer o orçamento”. Até lá, nos primeiros tempos foram bem legais, mandavam um mestrando, um doutorando, um assistente, ele vinha e só explicava o que era, mas não como fazer. Claro, sempre tem esses desajustes. E algumas disciplinas da Biblioteconomia, por exemplo, tem Inglês Instrumental nos currículos, eles assistiam junto com a Biblioteconomia, aí a professora dava artigo de química, qualquer coisa para eles resumirem, em inglês. Aí eu fui falar, “artigo para esses alunos de Arquivologia, não interessa nada”. “Mas um dia pode trabalhar com química, com física, sabe lá em que biblioteca. Isso sim, se a pessoa vai trabalhar na biblioteca de química”. “Mas não interessa nada”. Falei assim: “custa para você dar um decreto, pega um edital, recorta de um jornal, dá um edital para eles traduzirem”. “Ah, professora, não é a mesma coisa, porque eles têm que prestar atenção numa coisa...” quando eles colocaram a palavra-chave, a palavra-chave de química é só o [autor] entende o que está ali; agora, no edital, se na palavra-chave ele não põe que é de um condomínio de um prédio... enfim, mas aí



deu certo. As matérias da Biblioteconomia, os professores entenderam. Por exemplo, a professora de Indexação também, dava artigo, porque eles têm que resumir artigo, e para nós tem que resumir decreto, também não é a mesma coisa, porque no decreto não é só o assunto. Isso foi tudo ajustado, no tempo que eu fiquei lá... mas depois eu perdi o contato com as modificações. Mas lá eu dava aula só de Introdução e de Diplomática. Ao contrário do que pensam muitas pessoas, e não é só na área de Arquivo; todo mundo acha assim, que para dar Introdução pode ser o recém-formado, a pessoa que não tem experiência. Introdução de qualquer coisa, só vai dar o “basiquinho”, três idades, o que é arquivo, história dos arquivos, qualquer um pega um livrinho, chega lá e reproduz. Quando, na verdade, Introdução é síntese, e só pode fazer síntese quem tem muita experiência. Eu sempre falo isso, quem tem que dar Introdução em História é o Sergio Buarque, é a Alice Canabrava, esses têm que dar Introdução. Até hoje eu vejo que nesses cursos novos, Introdução se dá para o professor novato. Aí o novato pega o meu livrinho de Arquivos permanentes... Uma vez me perguntaram, na Unirio: “porque a senhora dá Introdução?”, e ao mesmo tempo Diplomática é colocada no oitavo semestre como fosse o suprassumo da especialização, quando Diplomática também tem que dar no primeiro ano. Agora eu estou convencida que tem que dar Diplomática no primeiro ano, porque a Diplomática vai dizer o que o arquivo tem de diferente dos outros. Tanto na Unirio como na UnB eu sempre dei Introdução. Na UnB dei também Arquivo Intermediário, dei várias disciplinas, mas eu gostei muito daquela experiência, e é um curso que ainda hoje vai assim de vento em popa.

Paulo: Heloísa, você já falou um pouco sobre as relações da Arquivologia com a História, com a Biblioteconomia, sua visão sobre ela com a Administração, que você acha importante. Queria que você falasse um pouco dessa relação da Arquivologia com outras diversas disciplinas, e como você vê, por exemplo, a relação que existe no Brasil, sob vários aspectos, com a questão da Ciência da Informação. Na minha visão a Arquivologia está em busca de uma autonomia acadêmica, científica, disciplinar, e alguns continuam falando e falam das disciplinas da [Ciência da] Informação. Queria que você falasse um



pouco sobre isso, como você vê isso, analisando também a relação dela com essas outras disciplinas.

Heloísa: Bom, as pessoas com quem eu tenho tido mais contato, colegas, eles sabem a minha posição a respeito. Eu até brinco dizendo que estamos voltando atrás, a 1911, quando a FID, Federação Internacional de Documentação, resolveu se reunir e achou que, realmente, era preciso separar a Arquivologia da Biblioteconomia e desde então o caminho da Arquivologia foi se fazendo pouco a pouco, e culminou com a criação do Conselho Internacional de Arquivos, próximo dos anos 1948, 1949, 1950, o primeiro congresso em 1951. E a progressão foi essa, digamos, na metade do século 20 há uma separação, digamos assim, na formação, na atuação profissional, no objeto de trabalho, o que era objeto da profissão arquivista, o que era objeto da profissão bibliotecário. Independentemente do aparecimento de internet ou não, do mundo digital ou não, são mundos separados. Então, o fato de se dizer que se trabalha com informação, que se trabalha com documento, isso não quer dizer que as áreas venham a se reunir, e, sobretudo, eu vejo com muita preocupação essa aproximação que está havendo nos cursos de Arquivologia no Brasil. Porque o Brasil estava à frente de outros países que ainda tinham os cursos junto; Ciência da Informação era meio confuso, inclusive nos Estados Unidos, há diplomação de arquivista com formação de bibliotecário, e o Brasil nasceu independente. Os cursos de Arquivologia nasceram totalmente independentes. E agora eu vejo alguns cursos universitários em que a disciplina Classificação é dada por bibliotecário, justamente a Classificação. Quer dizer, é muito, muito diferente o que é classificação de documento de arquivo, o que é classificação de livros, artigos etc., independentemente se é eletrônico ou não. Então, isso não quer dizer que não haja teoria da informação, sociologia da informação. Informação é um campo muito amplo e não é que a gente tenha que tirar tudo que seja relativo à Informação dos cursos de Arquivologia. Mas essa autonomia que parecia que estava assegurada para a arquivologia no Brasil, agora... nas próprias agências governamentais, o CNPq, Capes, está embaixo de um guarda-chuva chamado Ciência da Informação. Porque então toda a área de Comunicação, de Jornalismo não está?! Eles trabalham com informação



também, mas eles têm a sua independência, a área da Comunicação. Então eu não vejo com bons olhos. Pode examinar a formação dos professores dos atuais cursos de Arquivologia, têm muitos professores que têm formação só em Biblioteconomia, e estão dando aula dentro da Arquivologia. Pessoas formadas em Arquivologia, houve um tempo em que tinham um desprezo ou uma ojeriza, uma preocupação com professores como nós que vieram da área da História, mas todos nós que viemos da área da História, soubemos muito bem num certo momento ver o que era só da Arquivologia, o que era só da História e conseguimos ser professores de Arquivologia, só de Arquivologia. Mas parece que alguns professores vindos da área da Biblioteconomia ainda não entenderam a especificidade do documento de arquivo. E também todo mundo sabe que eu não quero mais usar a expressão “informação arquivística” porque isso não existe. É uma informação que está num documento, que agora está no arquivo, mas não nasceu para ser documento de arquivo. Então é preocupante. E eu, que ficava tão contente quando diziam, vai abrir um curso novo de Arquivologia, agora fico muito preocupada, porque eu vejo um panorama desses cursos surgido nos últimos dez anos ou menos que isso... A gente vê muito mestrado, muito doutorado em Arquivologia, mas de pessoas que já são da área, de pessoas que trabalham em certos órgãos governamentais. Vou dar um exemplo, da Casa de Rui Barbosa, de museus, de lugares nos quais as pessoas já tem um lugar assegurado, vamos dizer assim, tem um bom emprego, eles não querem ser professores. Porque eles se sentem bem nesses empregos, nessas instituições culturais. E eles fazem doutorado, fazem mestrado, mas não vão ser professores. Agora, o professor da Biblioteconomia que já está ali estende um pouco a sua área de ação num curso que, para a cabeça dele, aquele curso é irmão, é igual, pode muito bem lidar com os mesmos princípios metodológicos e teóricos, e não é. E a Informática veio confundir mais ainda. Porque quando o objeto formal é livro, então é livro, se é documento de arquivo é documento de arquivo. E agora isso tudo é muito... pode ter formas idênticas e não ser a mesma coisa.

Paulo: Heloísa, queria te agradecer. Vamos parar essa primeira parte da entrevista e a gente pode continuar um outro dia, está bom? Obrigado.



LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

